

Negra, pobre e Silva: o primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil

(El País, 09/08/2016) A judoca Rafaela Silva é a primeira, pelo Brasil, a subir ao lugar mais alto do pódio na Rio 2016

Na Olimpíada de Londres 2012, a judoca Rafaela Silva já era esperança de medalha para o Brasil. Mas o que era para ser a consagração de uma jovem talentosa, moradora da Cidade de Deus, uma das mais emblemáticas favelas do Rio de Janeiro, virou um episódio desagradável em questão de segundos. A tentativa de um golpe irregular e a conseqüente eliminação na luta preliminar dos Jogos quase encerrou sua carreira. A derrota foi seguida de comentários racistas nas redes sociais, que abalaram tanto a atleta que ela precisou ser convencida a voltar aos treinos. Hoje, quatro anos depois, em casa, ela entrou para a história ao conquistar para o Brasil a primeira medalha de ouro da Rio 2016 e a memória da agressão veio com êxtase e choro: “O macaco que tinha que estar na jaula hoje é campeão”, falou à TV Globo após a conquista da categoria peso-leve.

Londres esteve o tempo todo presente na cabeça de Rafaela nesta segunda-feira. A segunda luta dela foi exatamente contra a húngara Hedvig Karakas, adversária da fatídica eliminação nos Jogos de 2012. “Eu tinha visto a chave e esperava que a gente se cruzaria. Eu só não pensava que iria sentir aquela sensação de novo”, contou. “Depois de ser eliminada em Londres, não tem como segurar a emoção na hora do hino”, disse a judoca ao canal Sportv, ainda com a medalha no peito, logo depois de descer do lugar mais alto do pódio.

Leia mais:

[Rafaela Silva: o dia em que o judo venceu o racismo \(TSF, 09/08/2016\)](#)

[Judoca Rafaela Silva vai da depressão à medalha de ouro em quatro anos \(Agência Brasil, 09/08/2016\)](#)

[Rafaela Silva: Negra, mulher, periférica e o primeiro ouro do Brasil no Rio](#)

[2016 \(Revista Fórum, 08/08/2016\)](#)

[Rafaela Silva: Do racismo e depressão ao OURO olímpico na Rio 2016 \(HuffPost Brasil, 08/08/2016\)](#)

[Rafaela Silva faz história e conquista 1º ouro do Brasil nos Jogos do Rio \(EFE, 08/08/2016\)](#)

A retomada da carreira aos 24 anos — que culminaria no ouro que é a cara do Brasil: de uma negra, pobre e Silva — é fruto de muito trabalho no tatame e também fora dele. Rafaela contou com o apoio de uma psicóloga para refazer a ideia que tinha de si mesma. Aos poucos, a judoca voltou a acreditar que poderia ser campeã. Conquistou o mundial em 2013 e teve uma recaída na sequência. A recuperação durou dois anos. “Pensei que fosse largar o judô depois da minha derrota em Londres. Comecei a fazer um trabalho com minha psicóloga e ela não me deixou abandonar o judô. Meu técnico também me incentivava a cada dia. Em 2014 e 2015 não tive bons resultados, estava meio desacreditada. Falaram que eu era uma incógnita, mas eu vim, treinei ao máximo e o resultado veio”. Rafaela começa a erguer a história do judô brasileiro na Rio 2016, a modalidade que mais deu pódios ao país em Jogos Olímpicos ao lado do vôlei, após a decepção com a eliminação de duas promessas do tatame no sábado.

Em uma coletiva de imprensa convocada nesta terça-feira, Rafaela voltou a falar de Londres. Contou que, depois da derrota, chegou a pensar em em parar de lutar. “Recebi todas as críticas pela forma que perdi e só queria ser amparada pela minha família. Voltei a treinar no final de 2012, voltei a competir em 2013 e ganhei o mundial no Rio de Janeiro. Então acreditei que poderia voltar a disputar uma Olimpíada”.



Rafaela Silva chora (Foto: Kai Pfaffenbach/ Reuters)

Para que não perdesse o foco nesta competição, deixou o celular no *modo avião* e só falava com sua família. Nesta terça, após dormir apenas quatro horas, foi acordada às 8h por pessoas que queriam abraçá-la e ver sua medalha. E quando voltou a abrir seu Instagram, viu que o número de seguidores havia passado de 10.000 para 90.000. Recebeu mensagens de apoio até de esportistas já famosos, como a jogadora Marta e o jogador Neymar. A ficha, disse, ainda não caiu.

Entre os agradecimentos, uma homenagem especial às crianças que são suas companheiras de treino no Instituto Reação, projeto social de Flavio Canto, medalhista de bronze em Atenas 2004. Criado em 2003, o Instituto atende mais de 1.200 alunos, entre os quais está Rafaela. Lá, explicou nesta terça, foi amparada desde que começou. Ganhou um quimono de presente — “bem maior que o meu corpo!” — e, como sua família não tinha dinheiro, seus professores tiravam do próprio bolso para que ela pudesse viajar para competir. Lembrou também que “era uma criança muito agressiva” e que, se não a deixavam brincar, começava a brigar. “Lá no instituto eles me cobravam muito. Não só treino, mas também a parte social. Não adianta você ser atleta se a sua educação e vida social não batem com o esporte”, contou.

“É muito bom para as crianças que estão assistindo ao judô agora. Ver alguém como eu, que saiu da Cidade de Deus, que começou o judô com cinco anos como uma brincadeira, ser campeã mundial e olímpica, é algo

inexplicável. Se essas crianças têm um sonho, têm que acreditar que pode se realizar”, disse. Sob o quimono, no bíceps direito, ela já havia tatuado o seu: “Só Deus sabe o quanto sofri e o que tive de fazer para chegar aqui”, diz a frase que fez desenhar sobre anéis olímpicos coloridos.

Gustavo Moniz

Acesse no site de origem: [*Negra, pobre e Silva: o primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil \(El País, 09/08/2016\)*](#)